

O Mito da Hospitalidade

Júpiter, deus criador do céu e da terra, e seu filho Hermes, resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que haviam posto em marcha. Júpiter depôs todos os atributos da sua glória e Hermes desfez-se das duas asas, seu símbolo maior, e de todos os demais adornos. Pareciam realmente pobres andarilhos das estradas.

Passaram por muitas terras e encontraram muita gente. Pediam ajuda a uns e a outros. Ninguém lhes estendia a mão. Receberam maus-tratos e ouviram palavras ofensivas. Várias vezes foram afastados das portas com violência. Muitos nem sequer os olhavam. Era o que mais lhes doía: não serem sequer olhados, como se fossem cães lazarentos de casas abandonadas. Depois de muito peregrinar, sonhavam com a hospitalidade mínima.

Até que um dia chegaram à Frígia, província das mais longínquas e pobres do Império Romano. Aí vivia um casal muito pobre numa choupana rústica. Ele chamava-se Filémon e ela Báucis. Ainda jovens, uniram seus corações e viviam em grande paz e harmonia. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais, chegaram à choupana. Qual não foi a surpresa deles quando o bom velhinho Filémon, sorridente, apareceu e foi logo dizendo:

- Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está aberta para acolhê-los.

Báucis apressou-se a oferecer-lhes assento em dois tamboretas de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana. Filémon começou a reanimar o fogo da noite, quase apagado e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco tempo a água já estava morna. Báucis começou a lavar os pés de Júpiter e de Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade.

Filémon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava de uma vara o último pedaço de toucinho que restara. Estavam até pensando em sacrificar o único ganso que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais impediram-nos com determinação. Numa panela de barro, bem antiga, cozinharam os legumes com o toucinho. Um cheiro bom de comida caseira espalhava-se pela choupana a ponto de fazer salivar Júpiter e Hermes, mortos de fome. Filémon lembrou-se do vinho que jazia numa vasilha escura e empoeirada no canto da casa, guardado como remédio. Havia sobrado ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos.

- Queridos hóspedes, vamos comer, e bem o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem a simplicidade e a pobreza da cozinha. E para não os constranger, Báucis e Filémon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles. Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa. Em seguida, Báucis e Filémon tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um baú e serviram-nos como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram a sua própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Juntos puseram-se logo a arrumá-la. Colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito uma cobertura de honra, um velho tapete que guardavam para as festas.

Júpiter e Hermes não se continham de comoção. As lágrimas brotaram dos seus olhos.

De repente, sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupana e ribombavam pelo vale afora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais. Desculpando-se, Báucis e Filémon levantaram-se apressados para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande transformação. A tempestade cessou e num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. O tecto de ouro reluzia como o sol recém-saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filémon e Báucis ficaram estarecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal de adoração.

Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, bondosamente, disse:

- "Amigo e amável" Filémon, "delicada e terna" esposa Báucis, façam um pedido que eu, Júpiter, em agradecimento, quero atender.

Báucis inclinou-se para Filémon e colocou a cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram unissonamente:

- O nosso desejo é servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou:

- Eu também quero que façam um pedido para que eu o possa realizar. E eles, novamente, como se tivessem combinado, sussurraram conjuntamente:

- Depois de tão longo amor e tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro.

Seus votos foram ouvidos. Filémon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos e muitos anos no templo.

Certo dia, sentados à tardinha no átrio, recordavam a história de como, sem saber, hospedaram os deuses na sua choupana. Nesse momento Filémon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de Filémon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a grande metamorfose: Filémon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre.

Quem passa por aquela região da Frígia, actualmente a Turquia, ainda hoje ouvirá esta fantástica história, contada de geração em geração.

E os mais velhos repetem a lição até os dias actuais: quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre hospeda a Deus. Quem hospeda a Deus se faz templo de Deus. Quem faz dos estranhos seus comensais herda a imortalidade feliz.

(Tradução e adaptação livre de texto do poeta romano OVÍDIO- As Metamorfoses, livro VIII)